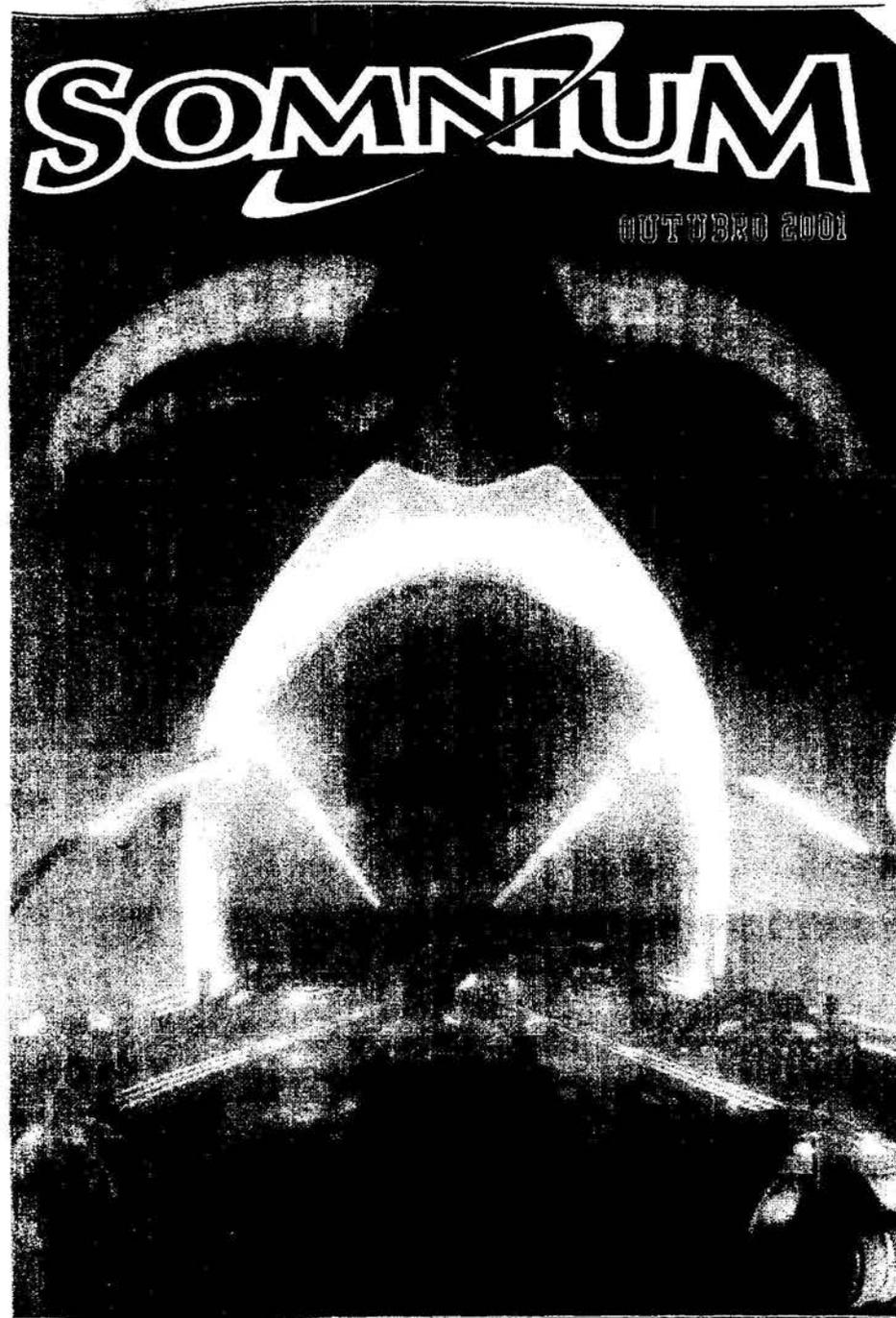


História Alternativa?

VIETNY



SOMNIUM

Ano 16 No. 83

Zine Mensal do Clube de Leitores de Ficção Científica

- Notícias do fandom de FC, Fantasia e Horror
- Artigos
- Resenhas
- Contos
- Poemas
- Ensaios
- Ilustrações
- Mensagens dos sócios e leitores
- ...e o que mais pintar no computador do editor

Ataide Tartari, Editor

Humberto Fimiani, Produtor Gráfico e Distribuidor

Contato com a editoria do *Somnium* pelo e-mail atartari@ig.com.br

O Clube pode ser contatado pela Caixa Postal 2105, Ag. Central, S.Paulo-SP, CEP 01060-970, e acessado em www.members.tripod.com/~CLFC

Presidente: Gerson Lodi-Ribeiro glodir@unisys.com.br

Correspondendo

Tudo bem com Libby Ginway

Sou de Nova York, porém não conheço ninguém pessoalmente que tenha sido atingido pela tragédia. Eu fiquei atordoada por alguns dias, mas era um sentimento provocado pelo horror da situação, mais do que uma conexão pessoal aos eventos.

Minha irmã e seu marido deixaram de trabalhar em NY, e agora levam uma vida pacata em Connecticut. Minha outra irmã mora em Los Angeles. Meus pais (para completar o quadro) estão morando em Nova Jersey--e tiveram as férias canceladas.

Estou frequentando uma aula de FC norteamericana agora. O professor é Andrew Gordon, e ele leu um trecho de uma reportagem Marleen Barr de Locus on line. Ela é uma especialista em fc que é professora da Columbia University, que experimentou aquela loucura de primeira mão--ela não deixava de repetir "estou vivendo um romance de fc!"

Enfim, obrigada pela sua preocupação.

--Libby Ginway, Pesquisadora da FCB na Universidade da Florida, EUA

André e o Cinema

Achei interessante o artigo [no Informativo de agosto] do Sylvio Gonçalves sobre filmes de FC no Brasil, citando até alguns que eu não conhecia. Tentei colaborar no roteiro de Paralelo 88 do José de Anchieta, que é excelente diretor, mas comete falhas de verossimilhança no roteiro. Infelizmente ele não quis aceitar minhas sugestões para corrigi-lo. Acho que o Sylvio não conhece "O Mudo" cujo nome foi mudado depois para "Alguem", dirigido pelo Julio Silveira, considerado, na época, o melhor diretor brasileiro de comerciais. Ele comprou os direitos do meu conto "O Mudo" e a Embrafilme financiou. Foi talvez o filme mais caro de FC feito no Brasil, com Nuno Leal Maia, Miriam Rios e outros artistas do primeiro time da televisão. O camera era o melhor do Brasil (esqueci seu nome agora) e a fotografia belíssima.

Ainda tenho uma cópia feita e distribuída pela Radioban, acho. O filme foi feito em 1980 mais ou menos e pouco distribuído porque a Embrafilme o catalogou de muito artístico.

—André Carneiro, de Curitiba

Opiniões sobre o novo Somnium Mensal

Marcello S. Branco:

O formatinho é até simpático, mas o conteúdo deixa a desejar. Para não dizer que só há porcaria, o mérito foi a publicação de um conto do André Carneiro. Não é possível que uma publicação que já foi líder dentro da comunidade brasileira de FC, revelou vários autores hoje profissionais, já trilhou até o caminho do semi-prozine, decaia a um nível inferior até do Informativo Mensal.

Matias Perazoli Junior:

Estava acostumado com um formato diferente e a mudança não me agradou a princípio. Este é o primeiro número [de sua nova versão mensal], e na verdade este Somnium é um informativo mensal ampliado. Acredito que a melhor solução é um meio termo entre o Somnium e o Informativo. Apesar das reduções de custo acredito que podemos trabalhar com um modelo um pouco maior que o deste mês.

Gerson Lodi-Ribeiro:

Recebi o *Somnium* e confirmei a impressão de que de fato está muito mais para *Informativo Mensal* do que para a versão tradicional do *Somnium*. Por um lado é louvável ter um periódico realmente mensal e regular. O único reparo talvez esteja em chamar este informativo mensal, mas parrudo e sofisticado enquanto boletim, de *Somnium*.

Humberto Fimiani:

Quando o Keppler comunicou que não teria mais condições de editar o SOMNIUM, ninguém ofereceu-se para substituí-lo, isto é somente o Ataíde que o fez. Concordo que o SOMNIUM não saiu como esperávamos, e que quando o pessoal recebesse o mesmo haveria muitas reclamações.

Sempre achei que a unanimidade é perigosa, mas também acho que o CLFC deve ser um trabalho de equipe e não somente de alguns poucos. Se o SOMNIUM é a publicação oficial do CLUBE acho que devemos saber o que o associado espera do mesmo (se é que há realmente interesse de parte nem que for de uma minoria de sócios, mas atuante e disposta a ajudar e colaborar). Somente criticar não resolve.

Cesar Silva:

Há anos que o Somnium é um fanzine deficitário. Eu diria que há cerca de uma década. A cada novo upgrade que o zine recebia, piorava a situação. Porém, justificava-se: o Clube estava iniciando e o fanzine era, de fato, sua vitrine principal. Tinha que ser bonito e impressionante, até por uma questão de auto-afirmação. Essa ideologia fez o Somnium, certa vez, ficar mais de um ano sem sair, porque a ideia era: só sai de for pra fuder! Então, não saía.

Quando eu fui editor, implementei a política de dar alguns passos atrás, para tentar tomar o zine, no mínimo, adequado ao Clube que o editava. Gente reclamou, e reclamou pesado. Afinal, o zine que tinha mais de 60 páginas, passou a apenas 24. Porém, ao final de dois anos, o Clube tinha o caixa recuperado e a confiança na periodicidade do Somnium havia sido retomada. Ou seja, a decisão tinha sido acertada e somente a diretoria sabia desses resultados, embora os leitores certamente ainda lamentassem.

Na [atual] necessidade de repensar o Somnium, devido a impossibilidade do editor, acho que se optou por, novamente, adequar o zine as necessidades do Clube. Os acordos com as revistas, que geraram o contrato com a SciFi News, de certo modo, foram

uma cartada decisiva: o CLFC agora tem a SciFi News Contos!

Em verdade, encaro o Somnium como se estivesse recomeçando (valia a pena até reiniciar a numeração do zero). Afinal, os primeiros Somniums eram apenas uma folha A4 frente e verso.

Enfim, na minha opinião, o Somnium está ótimo.

Agora, as explicações do editor:

Desde o final do ano passado, o Alfredo Keppler, então editor do Somnium, propôs incorporarmos o Informativo Mensal a este zine do CLFC, que passaria a ser mensal ao invés de (quando muito) trimestral. Pois bem: essa iniciativa durou apenas um mês. Por quê? Porque o custo revelou-se incompatível com as finanças do Clube — e porque, digamos assim, o saco do editor também revelou-se incompatível com essa obrigação mensal.

Deste modo, o novo Somnium Mensal cumpre, de maneira compatível com o dinheiro e trabalho voluntário que podemos dispor, as mesmas funções do extinto Informativo Mensal e do antigo Somnium. Tudo isso, é claro, limitado pelo espaço de que dispomos: um compromisso entre os antigos IM e Somnium.

Eventuais edições especiais, com mais páginas e capa colorida, estão nos planos.

Síndrome de Quimera

Uma Resenha de Ivo Heinz

Max apresenta um bom domínio da narrativa, numa história que eu classificaria como Realismo Fantástico. Um rapaz que possui uma cobra enrodilhada em seu coração, e que de acordo com as emoções faz com que o sentimento de "aperto no coração" seja real para ele.

O ponto de partida da história é a abertura de um café-livraria, em parceria com um amigo que pode retirar seu cérebro para relaxar..... rapazes cansados de seus empregos medíocres tentando fazer o que gostam.

Pouco a pouco, vão tomando seu lugar importante para outros habitantes underground de uma Porto Alegre muito real; personagens com características fantásticas que poderiam muito bem ter saído de contos ou mesmo da saudosa novela Saramandaia.

Um segredo sobre a família do protagonista é o fio condutor da história, contada em primeira pessoa. Particularmente

gosto mais de histórias em terceira pessoa, desenvolvidas com narrativa, mas o Max saiu-se muito bem; como não o conheço pessoalmente, não teria dados para compará-lo com qualquer alter-ego.

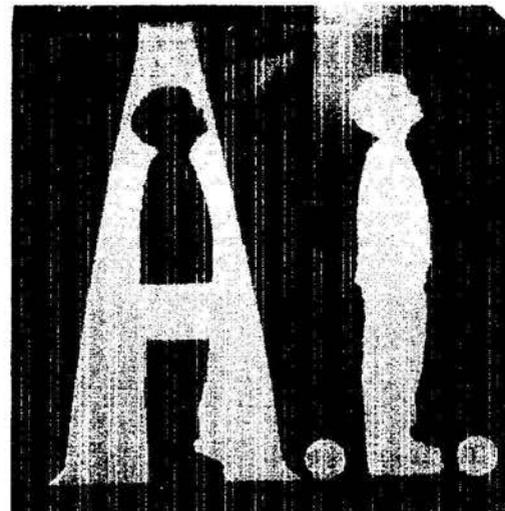
O protagonista apaixona-se, lógico, por uma garota com características também fantásticas (não vou contar detalhes para não estragar o prazer de quem vai ler). Também é contratado por um tal de Semper Fidelis (homenagem ao Causo ou a algum Fuzileiro Naval ??) para ajudar a achar um ser fantástico e perigosamente mortal.

Achei que o final da história amarrando todas as pontas soltas (namorada, família, mistério) foi muito rápido, talvez precipitado.

Fico aguardando mais histórias duma Porto Alegre que não conheci, mas que pelo jeito é divertida pacas.

Síndrome de Quimera. Max Mallmann, Editora Rocco, 109 páginas

SOMNIUM



Inteligência Artificial:

A Decepção

Então o cara morreu e o outro diretor de currículo fudidão resolveu continuar o projeto...

...daí, o moleque-sexto-sentido é um robô programado para amar quem disser uma sequência XYZ de palavras e blá-blá-blá de uma estória que até aquela parcela do Brasil que não sabe quem é o atual presidente conhece esse papo Kubrick-Spielberg de inteligência artificial. Desse jeito, o tio-efeitos-especiais além de dirigir resolve roteirizar.

Anyway, o filme vai andando e o robô Teddy rouba a cena (fiquei louco por um superbrinquedo como ele) e o moleque ama a mãe, e depois a mãe ama mais o filho orga e deixa

o filho meca na floresta e patati-patata, o robô meca quer virar humano como o pinóquio (sugado horrores) e sai em busca da fada azul e mais blá, blá, blá...

Não há fadas azuis no futuro (o que é triste)... Mas para o tio-dinossauros, leitor fiel de Eurípides, lançou mão do mais estúpido recurso teatral, o famoso deus ex machina, e enfiou uns ETs (é, extra-terrestres, seres de outro planeta, ou talvez sistema...) com cara de obra da Bienal de São Paulo para fazer o tão idiota e consagrado Happy End hollywoodiano.

O tal A.I. poderia acabar várias vezes antes, mas não... Então, se não cagou no início, caga no final. E é exatamente isso o que acontece, uma bela defecada no final...

Vai saber, Spielberg desistiu de Harry Potter mas mesmo assim quis fazer um filme

CONTO

UM FIM DE SEMANA EM PARIS

Jorge Candeias

- Para que trazes tu isso?

Ela fitou-o. Parecia dizer-lhe *não tens nada com isso. Ou porque sim. Ou qualquer outra dessas frases rebeldes. Suspirou. Olhou a caixa do linque e passou-lhe a mão num afago distraído.*

- Porque tu vais estar numa reunião e eu fico sozinha. - acabou por dizer.

- A reunião dura duas horas, que diabo! Não me digas que não tens maneira de encher duas horas em Paris?!

Ela fitou-o de novo. Pôs olhos trocistas para perguntar:

- E com que encho eu essas duas horas, sabichão?

Ele começou a gesticular.

- Há cafés em Paris, há montras! Tu falas francês, podes meter conversa, conhecer gente! E mesmo que não falasses! Há lá portugueses aos montes! Há sessões de cinema, há passeios onde se pode simplesmente

infantil... O melhor do treco todo está no início e só.

P.S.: O David eu não vi piscar, mas o gigolo Joe piscou duas vezes...

—"Charles" (Carlos Eduardo)

passar! Há jardins e até há pombos nos jardins, como cá! Há pão à venda também e se calhar perto dos jardins! Passas a vida a dar pão aos pombos de cá, não vejo porque não há-de dar também algum aos pombos de lá! Que necessidade tens tu de vir com o linque atrás?

Ela fez um gesto de exasperação.

- Xiça, José! Que embirração contra o aparelho! Tens alguma coisa contra ele? Que coisa! Que chato!

Ele respirou fundo para não confessar *Odeio essa merda. Engoliu a custo as três palavras que lhe brincavam na ponta da língua, chamando pela voz. Ficaram-lhe algum tempo atravessadas na garganta dando-lhe nós, atando-a e desatando-a. Começava a ficar furioso, e essa era a melhor maneira que conhecia para estragar um fim de semana. Em Paris ou na Reboleira. Principalmente porque*

se conhecia. Sabia dos perigos encerrados na sua fúria. Já abria algumas vezes essa sua caixa de Pandora privativa. E já tivera a sua dose de dissabores.

Nada que gostasse de recordar, se bem que a recordação viesse sem ser chamada de tempos a tempos. Era assim como um aviso, um sinal de perigo à beira da estrada. Como se lhe dissesse *Perigo. Estrada escorregadia, com lombas e buracos. Precipício mais à frente.*

Melhor parar com aquilo.

Olhou para ela, pequenina na sua frente, olhando-o sem expressão. Parecia uma coisinha frágil, capaz de partir-se com um sopro. Mas enganava. Ele conhecia-lhe a força e os jeitos de ser. Lembrou-se do seu corpo esguio, e de como esse corpo se abria para si numa forma que lhe lembrava sempre pétalas de rosa. Até cheirava a pétalas de rosa. Olhou-lhe o rosto moreno e depois para o relógio. Encolheu os ombros.

- OK, esquece. Traz lá essa porcaria. Tens tudo? Não te esqueceste de nada?

- O linque não é porcaria nenhuma!

- Sim, tens toda a razão. - suspirou ele, baixinho - Está tudo?

Ela resmungou que achava que sim, e pôs-se a revistar o saco de mão. Ele passou-lhe a mão pelo braço numa carícia tímida, um pouco brusca talvez, e murmurou, como que a pedir desculpa:

- Deixa isso. Temos de ir embora se quisermos chegar a Paris ainda hoje. Se faltar alguma coisa compra-se lá.

Ela encolheu os ombros:

- Está bem, vamos lá embora...

Ele pôs o carro em andamento.

Tinha orgulho naquela máquina e na imagem que tinha de si próprio ao volante dela. Via-se esse orgulho na maneira como lhe passava as mãos por volante, manípulo de mudanças ou comutadores. Como que adaptava o órgão à máquina, tornando-se aquele uma extensão desta. Pelo menos era assim que ele se via dentro do

automóvel. Costumava dizer aos amigos e até a conhecidos de ocasião que o ruído de um motor bem afinado era um dos mais belos sons no Universo. Esta frase era uma das suas imagens de marca. Sabia que havia quem troçasse dela, mas não conseguia evitar soltá-la. Não que tentasse com muita força: achava que devia deixar aos outros uma imagem coerente de si mesmo, e se havia alguém a quem essa imagem desagradasse, paciência. Tentara demasiado agradar a gregos e troianos no passado. Depois compreendera que isso era impossível. Um gasto inútil de energias e de *karma* social. Agora só queria agradar a gregos. Aos seus gregos.

Claro que era sempre ela quem conduzia o automóvel. Julgava fazê-lo particularmente bem. Muito melhor que qualquer piloto automático que já tivesse visto. Achava a condução das IAs uma interminável seca. Uma coisa mecânica, sem vida, previsível. Quanto a quase todos os seus conhecidos, incluindo, claro está, as várias parceiras que fora tendo ao longo da vida, nem havia comparação. A actual não era excepção e tinha relativamente a algumas das outras a vantagem de não se interessar particularmente por ter um carro nas mãos. Nisso, a pior fora a Adelaide. Esboçou um meio sorriso ao lembrar-se da Adelaide. Conduzia pessimamente mas teimava em fazê-lo, ou pelo menos em que tinha tanto direito a fazê-lo como ele. Era muito consciente dos seus direitos, a Adelaide. Foi a única altura da sua vida em que ele se deixou seduzir pelas alegrias do piloto automático. Pelo menos não era a Adelaide quem tinha o carro na mão! E enquanto a IA os transportava havia sossego. A Adelaide não reivindicava, não se queixava, não lhe azucrinava o juízo.

Claro que aquilo não podia durar muito...

Enquanto passeava indolentemente pelas suas memórias ele manobrava pelas ruas da cidade em direcção à saída principal para Leste. Ao mesmo tempo ia introduzindo o itinerário no computador de bordo,

calibrando o GPS e estabelecendo limites máximos de demora antes de proceder a desvios. Já era automático: fazia tudo aquilo sempre que partia numa viagem mais longa. Era parte da sua perícia no manejo da máquina. E fazia questão de exercer essa perícia mesmo que não fosse necessário. Especialmente quando não era necessário. Tinha muito mais sabor assim.

O passo seguinte era verificar as condições de trânsito através do linque de tráfego. O seu vinha de fábrica, porque o carro era novo, e porque era obrigatório ter uma coisa dessas instalada. Se não fosse assim, teria prescindido do linque. Gostava do imprevisto. E da vaga sensação de perigo que vinha com o imprevisto. E não gostava de saber logo no início da viagem como ela iria decorrer. Que, lá no fim, iria ter problemas. Para quê? De que adiantava viajar preocupado sem que houvesse a possibilidade de resolver alguma coisa?

Além disso, detestava linques. Mas tinha de reconhecer que por vezes aquilo dava jeito. Por exemplo quando havia horários a cumprir. Quando era preciso estar em tal sítio às tantas horas. Ou quando se conhecia mal a região. Ou quando se tinha horários a cumprir numa região mal conhecida, como agora. Por isso, verificou as condições de trânsito através do linque de tráfego, desejando que não houvesse nenhum congestionamento, nenhum corte de estradas, nenhum desvio. Desejando poder usufruir da viagem em si mesma, sem constrangimentos. Mas os aparelhos têm ideias próprias. E motivações mecânicas. Por isso o linque informou-o metodicamente de que o trânsito estava pesado nas imediações de Paris e se previa um agravamento para as 12 horas seguintes. Péssimas notícias. Ia ter de planear a viagem, em vez de simplesmente deixar-se ir. Não ia poder gozar paisagens nem fazer desvios para gozar outras paisagens. Ia ter de acelerar bastante ao longo de toda a ER1, para não ser obrigado a apanhar alguma estrada

secundária algures em França ou mesmo ainda na Occitânia. Alguma estrada cheia de buracos e tractores eléctricos a circular a 10 à hora pelo seu centro geométrico. Algum dano irreparável à suspensão do seu carro ou à sua paciência. Ou a ambas.

É que o trânsito na União andava caótico. Desde que falhara a última tentativa da Comissão para impor um imposto sobre os combustíveis alternativos, dando origem aos bloqueios e motins do último Verão, toda a gente que era gente parecia andar constantemente em movimento. Aquiio mais parecia um frenesim de fim de festa, como se todos quisessem aproveitar ao máximo os últimos restos de algo que estava quase a acabar.

E estava. A sua reunião era sobre isso mesmo.

Mas o pior de tudo ainda eram os doidos. Os que de repente resolviam que já não havia regras de trânsito para respeitar e saíam estrada fora, fazendo asneira sobre asneira, atropelando, estropiando, violentando o sossego dos cidadãos pacatos que seguiam calmamente do lugar A para o lugar B, com o piloto automático ligado, sem mais desvarios. Houve tantas vítimas e tão grande prejuízo nos sistemas de emergência dos países mais atingidos por essa praga que a Comissão acabou por tornar obrigatórios os linques. Não sem antes terem caído governos.

Se bem que os cínicos dissessem que a Comissão só se mexera quando o primeiro-ministro do Algarve morrera com a amante em plena Via do Infante, num acidente provocado por um desses paranóicos. Outros, talvez mais cínicos ainda, diziam que o culpado do acidente fora o próprio ministro. Ou a amante.

Fosse pelo que fosse, a Comissão mexera-se. Coisa rara, nos dias que correm.

- José, porque não vamos nós de avião?

Ele estava tão distraído, tão envolvido na condução e nos seus pensamentos, que quase se

sobressaltou com a pergunta. Escusada, de resto: ela sabia perfeitamente porquê. Mas era perita nestas pequenas provocações extemporâneas que tinham o condão de irritá-lo. E que paradoxalmente constituíam ao mesmo tempo uma boa parte da sua sedução.

- Queres mesmo que te diga o que já sabes? - respondeu ele - Ou já te esqueceste da conversa de ontem?

- Não percebo, a sério que não percebo. - ela falava como se monologasse, sem entoação - Se fossemos de avião púnhamo-nos no centro de Paris em três ou quatro horas, já contando com as viagens de e para os aeroportos. Assim...

- Assim vamos levar um dia inteiro, se não apanharmos engarrafamentos - insistiu ela passado um momento. - Não percebo!...

Ele começou a explicação - Filomena... - mas suspirou e desistiu. Ela estava só a fazer conversa, a procurar seguir por um caminho que ele não queria percorrer. Sabia tão bem como ele que viajar de avião era muito mais caro, mas teimava em que não tinham dificuldades de dinheiro e se podiam portanto dar a esse luxo. O que até era verdade, de certo modo. Mas ele não estava disposto a aceitar o que lhe parecia um desperdício totalmente desnecessário. Um luxo despropositado. Uma parvoíce.

Até por causa do ambiente: os aviões eram dos poucos veículos que não funcionavam a gás.

- Deixa-me em paz com essa conversa, sim? - acabou ele por pedir de um modo mais ríspido do que desejaria - Estou a conduzir.

Pelo canto do olho viu o olhar que ela lhe lançou. Frio. Duro. Sem revelar qualquer tipo de sentimento ou ressentimento, mas desprovido da suavidade de um olhar verdadeiramente vazio. Aquela maneira que ela tinha de olhar sempre o assustara, e mais ainda quando era para si que olhava assim. Geralmente seguia-se uma discussão recheada de argumentos sem nexos, lançados como lanças cujo único propósito era ferir.

Sentiu-se inundado de adrenalina. O corpo preparava-se para fugir ou combater, mas não iria fazer nem uma coisa nem outra e sabia disso. O que só piorava as coisas.

Tinha de controlar aquela adrenalina. Não se podia deixar levar para estradas cheias de buracos e de lombas e com precipício ao fundo. Não podia escorregar por aí.

Felizmente veio apenas uma pergunta:

- Posso então pôr música? Ou isso também incomoda a tua condução?

- Põe lá a tua música - concedeu ele após uma pausa.

- Obrigada. És muito gentil.

Enquanto ela se debruçava para o rádio e o sintonizava, ele ficou sem saber se devia ficar aliviado pelo aparente desenlace pacífico do conflito ou, pelo contrário, apreensivo. A ironia era um mal menor e podia bem com ela. Não era a costumeira sucessão de acusações aos seus hábitos, às suas opções, ao seu coeficiente de inteligência. Normalmente vazias de subtilidade. Geralmente envolvendo toda a sua linhagem genética, passada, presente e futura.

Mas aquela suavidade incomum característica podia não ser mais que a preparação de males maiores.

Olhou-a quando a música começou a tocar. Ela não reagiu, embora não houvesse qualquer dúvida de que vira o seu olhar. Olhar esse que foi devolvido à estrada quando o linque começou a zumbir. Informava-o de que se aproximara demasiado do veículo que seguia à sua frente. Levantou o pé do acelerador. Ela fitava-o intensamente. Como que lhe sugava as feições para processá-las dentro do seu descontentamento. Depois levou a mão ao cabelo e remexeu-se no banco.

- José, incomodo-te assim tanto? Mesmo sem abrir a boca?

Olhou-a de relance. Responder significava discussão, não responder era o mesmo que dizer que sim.

- Não.

- Estou a ver... - disse ela depois duma pausa. E transformou a boca numa linha fina.

Os quilómetros seguintes foram percorridos em silêncio. Ele conduzia. Ela olhava pela janela, talvez para a paisagem. O rádio enchia o habitáculo de música de dança numa alegria incongruente. Aquilo irritava-o. Mas não se atrevia a dizer nada. Tinha a certeza de que a consequência seria uma explosão. Acusações e contra-acusações. Mais adrenalina nas suas veias. E provavelmente nas dela também. Um fim-de-semana arruinado em Paris. Um desperdício. Na verdade, estava surpreendido com a reacção dela. Não era de modo algum típica. Não sabia bem o que pensar. Talvez fosse uma tentativa para não estragar o fim de semana logo ali. Evitar o desperdício. Afinal sempre era uma viagem a Paris, e não é todos os dias que se vai à cidade da Pirâmide de Vidro. Fora com esse argumento que a convencera a ir, aliás. A capital do Bloco Ocidental da União era uma cidade que todos queriam visitar, pelo menos uma vez na vida. E alguém que se cansasse de lá ir era excêntrico, no mínimo. Olhado de lado como um espécime raro de uma espécie em vias de extinção. De uma extinção merecida. Que só pecava por tardia.

Nenhum dos dois quebrou o silêncio durante quilómetros.

Entretanto, começavam a aproximar-se da transição para Castela, e o som martelado da fala castelhana sobrepunha-se a espaços à emissão portuguesa. Ele resolveu aproveitar a ocasião:

- Não queres pôr o rádio na REP? Ou noutra estação paneuropeia qualquer? Uma estação sem interferências? Pelo menos enquanto estivermos aqui na zona de fronteira?

- Acho que vou dormir um bocadinho lá para trás. - respondeu ela - Não te importas, pois não?

- Claro que não! - exclamou ele, numa alegria que até a si soou a falso.

- Queres que apague o rádio?

- Faz como quiseres. - disse ela e esgueirou-se para o banco de trás, numa viagem contorcionista cheia de arfares e gemidos amplificados pelo confinamento naquele espaço diminuto.

- Filomena - chamou ele quando aquilo parou - não vamos zangar-nos, pois não?

- Há algum motivo para nos zangarmos, José?

- Não... suponho que não... - hesitou ele.

Olhou pelo espelho retrovisor. Dela só se via um braço, apoiado indolentemente no encosto do banco. A música martelava-lhe nos ouvidos. Estendeu o braço e desligou o rádio. Ouviu-a suspirar, lá atrás.

Durante alguns quilómetros conduziu desatento ao que se passava na estrada. Não conseguia libertar-se da conversa. Sentia que devia fazer ou dizer alguma coisa, mas não conseguia decidir o quê. A ausência de sons vindos do banco de trás inquietava-o, ou talvez simplesmente o enervasse. Quase preferia a música estúpida do rádio. Ia revivendo cada frase da conversa anterior, como se andasse à procura nem sabia de quê. Talvez alguma inflexão. Uma palavra fora de contexto. Um sinal de qualquer coisa.

Da estrada via apenas vultos e a sua desatenção foi brindada com um par de zumbidos provenientes do linque. Aproximações excessivas ao carro da frente ou então à berma ou então velocidade demasiada. Acabou por transferir a irritação para o aparelho. O linque estava sempre atento, o linque nunca se enganava relativamente à posição e velocidade do carro, o linque era um crítico implacável da sua perícia ao volante.

Com um olhar de raiva para o mostrador, vazio por aquelas bandas, só com um LED a piscar a um dos lados, forçou-se a limpar o espírito de preocupações e fixou os olhos e a atenção na condução. Era estúpido se se deixasse envolver naquela teia.

Afinal estava onde gostaria de estar sempre: ao volante do seu automóvel.

Seguiu-se um daqueles tempos mortos que nos filmes antigos se mostravam com uma sucessão monótona de postes de electricidade, ou de árvores, ou de dunas. Ali eram as cidades do centro de Castela que

ficavam para trás uma a uma, monotonamente. Salamanca, Tordesillas, Valladolid, Aranda del Duero, a grande volta pelo norte de Madrid, para evitar a confusão do trânsito em torno da maior cidade da Península, e o terrível *smog* madrilenho. Principalmente o *smog* madrilenho. Aquele ar pestilento que chegava a exigir uma protecção própria nos dias mais abafados de Verão.

Arranjara a sua bronquite multi-resistente nos dois anos que passara em Madrid. E não queria pensar nisso.

- Filomena - chamou -, estamos quase a entrar na Catalunha. Não queres parar para comer qualquer coisa?

Ela não respondeu. Espreitou pelo retrovisor mas não viu nada, era quase como se ela não estivesse ali. Por vezes parecia desvanecer-se, esvaír-se em silêncio. Como que fluíuava, milímetros acima do chão, sem soltar um som. Nem um roçar de roupa, nem mesmo a respiração. Mas agora devia estar simplesmente a dormir enrolada no banco na sua posição típica. Só não dava para esperar o rabo, não havia espaço que chegasse lá atrás. Uma imagem que não chamara surgiu na mente dele. Ela na penumbra, deitada, a dormir profundamente, numa cama, na sua cama. De rabo espetado contra a sua coxa. Gemendo baixinho como quando sonhava. Sentiu um leve indício de uma erecção. Agora não. Sacudiu a ideia que se esfumou, puf, já lá não está.

Resolveu deixá-la dormir e fechar os ouvidos à trovoadas que começava a ribombar-lhe nas entranhas. Mais quilómetros de tempo morto. Ele conduzia, ela fazia o que quer que estivesse a fazer no banco de trás. Entretanto, a estrada levou-os à Catalunha e pouco depois passava velozmente ao lado de Calatayud. Aqui era preciso um pouco mais de atenção. Por vezes, os espanhóis atacavam turistas ou outros viajantes. E o nacionalismo catalão também podia ser perigoso.

Nesta zona é que não iriam parar, com tripas revoltadas ou sem elas!

Apesar de tudo, a Catalunha estava melhor que o País Basco! Aí até havia controlos de fronteira, com revisões de bagagem e tudo! E matrículas castelhanas não passavam, nem mesmo subornando a polícia. O que não evitava as bombas.

O que era certo era que por vezes havia obstruções nas estradas do oriente peninsular. Obstruções inesperadas, que apareciam vindas de nenhures. O que é o mesmo que dizer vindas das cabeças vazias de meia-dúzia de idiotas com excesso de hormonas. Não que os condenasse totalmente. Algumas razões haviam de ter. Ele próprio fizera alguns disparates quando o Algarve se tornara independente, movido por uma raiva que pedia por tiros e explosões. Ainda andara metido em contrabando de material ilícitamente bélico. Mas acabara por não se passar nada. A União tinha regras, e os algarvios mantiveram-se sempre dentro das regras. Não havia nada a fazer. E era melhor não fazer nada, como bem sabiam os castelhanos. Há catorze anos que Castela pagava pelo terrorismo espanholista fora das suas fronteiras.

Apesar de tudo, a inacção portuguesa fora boa para o país. Mesmo perdendo a província do Sul, o foco económico da Península deslocou-se para Lisboa.

Um apito do linque: estava outra vez desatento, perdido nos seus pensamentos. Afastou-os. Havia ocasiões mais adequadas para divagar sobre a geopolítica europeia. Por agora, o que importava era chegar à fronteira occitana sem chatices. Para isso talvez fosse bom que quebrasse uma das suas regras. Se calhar era boa ideia verificar se havia complicações. Se os problemas estavam distraídos ou se o seguiam com olhos atentos em busca de uma oportunidade para lhe saltar às goelas.

Consultou o linque.

E lá estavam eles, os problemas, acenando-lhe de longe e rindo-se de si:

o trânsito em torno de Saragoça estava quase parado.

Praguejou. Percorreu os menus do linque em busca da notícia. Encontrou-a pouco depois. Aparentemente, um maluco tinha entrado na ER1 em Calatayud, vindo de Madrid a uma velocidade absurda, e continuara ER1 fora até embater na traseira dum electrotransporte que seguia lentamente na faixa própria. A camioneta ficara com metade do tamanho original, o veículo do maluco, um BMM de fabrico saxão - um automóvel magnífico! -, fora quase reduzido a pó. O trânsito processava-se devagar, em apenas duas faixas, prevendo-se uma demora de 15 a 20 minutos no congestionamento. A notícia prosseguia com considerandos sobre os motivos da aventura e uma biografia do doido. Mas que lhe interessavam os porquês e os quando? Só as consequências o afectavam!

- Raios partam isto! - um resmungo raivoso.

Devolveu a atenção ao linque, voltou atrás nos menus, efectuou uma busca por rotas alternativas que lhe permitissem sair dali. Sem resultado, claro! Já estava demasiado próximo da cidade, já não havia fuga possível.

Levou a remoer a irritação até surgirem as primeiras obstruções, dez quilómetros depois. Em breve a estrada estava coahada com uma mole contínua de veículos em marcha lenta. E inevitavelmente o piloto automático tomou o controle do carro. Quase gritou. Apertou o volante com força. Depois largou-o e aplicou-lhe uma valente palmada. Era raro, mas por vezes apetecia-lhe magoar o automóvel, causar-lhe dano, sofrimento. Torturá-lo até sangrar como se estivesse vivo.

Mas não serviria de nada. Ele não sangraria.

- Carças! - disse, em voz alta.

Agora era a hora de glória da IA. Conduzia-lhe o carro engarrafamento fora de forma a optimizar o consumo de combustível. Sem qualquer emoção. Sem qualquer tipo de capricho. Portando-se simplesmente como o

mecanismo eficiente que era. Ligado a todas as restantes IAs da longa fila de veículos, de modo a que nenhum deles saísse dali mais cepressa ou mais devagar que os outros. De modo a evitar a altamente gastadora tendência para conduzir em permanente travagem e aceleração.

Estava visto. Não teria nada para fazer durante quilómetros!

Suspirou, passou a mão pelo cabelo, olhou a paisagem. Aproximavam-se do aeroporto de Salamanca, e ele seguiu com um olhar entediado um avião que descia. Aquilo trouxe-lhe à memória a discussão sobre a ida de avião no dia anterior. E a *remake* à partida, de manhã. As tantas ela tinha tido razão. Tivessem ido de avião e já lá estariam, em plena cidade de Paris, sem engarrafamentos, sem um volante que não funcionava debaixo das suas mãos. Se calhar ela tinha tido razão, sim. Olhou o retrovisor. Nada. Só o topo do banco e carros a perder de vista na janela traseira. Virou a cabeça.

Ela estava deitada de lado no banco, com as pernas encolhidas, exactamente como ele imaginara. Mas não dormia. Estava ausente, perdida nas profundezas do linque, que ronronava junto ao seu ventre. Estava ligada a tudo, nurna imersão completa: oculares, auriculares de ouvido interno, colar, luvas, tudo.

Ele ficou imóvel. Fora para aquilo que ela resolvera passar para o banco de trás. Fora para aquilo que se escondera. Fora para fugir dele, sair do mundo real, enfiar-se no mundo de sonho da rede. Nunca tivera qualquer intenção de dormir. Quisera apenas trair-lhe a confiança e a boa-fé. Sim, porque ela sabia o quanto ele detestava aquilo. Oh, sim! Sabia-o perfeitamente...

A fúria foi quase instantânea. E indomável. Num instante soltou o cinto de segurança, virou-se para trás, debruçou-se sobre ela e arrancou-lhe as oculares dos olhos. Nem pensou na elevada probabilidade de lhe causar danos neurológicos com uma emersão tão brusca. E pior que isso,

involuntária. Nem lhe passou pela cabeça usar o botão de emergência. Nada. Limitou-se a agir.

O grito estridente que ela soltou fê-lo dar um salto. De repente o coração dele galopava. As suas veias eram um mar de adrenalina.

Aos poucos foi-se apercebendo do que fizera. E isso assustou-o mais ainda.

Porque ela continuava a gritar. E não parava quieta, estrebuchava, parecia que estava com convulsões. Porque continuava parcialmente ligada. Embora o colar se tivesse desprendido, os auriculares continuavam postos e as luvas calçadas. Ela estava a receber *input* sensorial incongruente de duas realidades mutuamente exclusivas, e estava a entrar em curto-circuito. Estava-se a passar.

Tentou tirar-lhe as luvas, mas ela mexia-se demasiado e as mãos fugiam às suas. Depois tentou o fio que se ligava ao ouvido interno através do estúpido implante na base do pescoço que sempre o incomodara. Também não era possível. O pescoço e a cabeça eram as zonas que mais lentamente se moviam. Por fim lembrou-se do botão de emergência na caixa do linque propriamente dito. Amaldiçoou a sua falta de à-vontade com aquelas porcarias e procurou a caixa. Mas com os movimentos desordenados dela, a caixa tinha deslizado para a ranhura entre os dois estofos do banco e era difícil chegar-lhe de onde ele se encontrava. Esticou-se mais. A primeira consequência foi apanhar com uma joelhada no nariz que por pouco o deixava a sangrar. Quase via estrelas. Sacudiu a cabeça e lançou o outro braço, tentando controlar as pernas dela até onde fosse possível, ou pelo menos proteger a cara daquele caos de movimentos. Apoiou-se nesse braço e depois de uma pequena luta lá conseguiu atirar a mão e o braço suficientemente longe para segurar na caixa do linque a puxar por ela. Premiu o botão mesmo antes de conseguir segurar naquilo.

O resultado foi pô-la de novo aos berros. Agora soltava em contínuo

gritos vagamente articulados com vagas parecenças com palavras. Ainda estrebuchava mais que antes. Sacudia tão violentamente a cabeça de um lado para o outro que o fio dos auriculares se soltou. Respirava entrecortada e ruidosamente, interrompendo os gritos para engolir grandes golfadas de ar. A língua parecia indecisa sobre a posição a tomar. Começou a babar-se. Uma baba borbulhante e cor-de-rosa. Algures naquele descontrolo tinha surgido uma ferida.

Tudo indicava um ataque epiléptico, mas ela não era epiléptica.

A ele, aquilo parecia histeria. E quando viu o sangue entrou em pânico.

Fez os possíveis por se esgueirar para o banco de trás sem ser atingido em demasia e deu-lhe um tabefe. A histeria controlava-se assim, com tabefes. Sempre o soubera. Mas ela não parou de estrebuchar e ele ficou com manchas vermelhas nas costas da mão. Por isso deu-lhe outro tabefe, e outro, e outro, e...

Quando caiu em si tinha os punhos fechados e gritava enquanto batia, batia enquanto gritava. Chamava-lhe tudo, insultava-a de todas as formas que conhecia. E batia, batia, batia.

E ela não se mexia.

Então ele parou de bater. Durante um longo momento olhou para a massa informe de sangue que tinha sido a cara dela. Sem perceber. Sem perceber de todo. Chegou a chamar:

- Filomena!

Mas dela nenhum som saía. Nem mesmo o ruído ritmado da respiração. Ele inclinou-se sobre ela, pôs-lhe o ouvido sobre a boca. Nada. Contorceu-se todo naquele espaço minúsculo para conseguir pôr-lhe o ouvido sobre o peito. Nada.

Ou se enganava muito, ou ela estava morta.

Ficou calmo, a olhar para o que tinha feito. Não tivera culpa, só tentara despertá-la. Cometera um erro. Era humano, errava. Certamente compreenderiam. Exaltara-se. Qualquer um se podia exaltar. Não lhe devia ter arrancado as oculares. Mas ela também

não devia ter fugido para o banco de trás para se ir enfiar na rede à socapa! De certeza que compreenderiam.

E mesmo que não compreendessem, tentar fugir era fútil. Ela estava cheia do seu ADN, parte dos seus dedos também estava ali naquilo que tinha sido a cara dela. Havia cabelos seus por todo o lado. O carro era seu e estava cheio do sangue dela. E de toda uma química da violência que demoraria semanas a evaporar-se totalmente.

E de resto alguém podia ter visto, mesmo apesar dos vidros de sentido único. Sempre passava alguma luz no sentido contrário, e os carros seguiam lado a lado estrada fora, com as velocidades rigorosamente controladas, iguais à quinta casa decimal. E de certeza que alguém ouvira alguma coisa. Era impossível que todo aquele barulho não tivesse atravessado o isolamento sonoro como faca a nadar em manteiga!

E ainda havia os personagens da rede que assistiram de certeza a parte de tudo aquilo. À parte inicial. À parte da desestabilização da *persona* virtual. Seguida do desaparecimento dessa *persona*. Já houvera casos de morte enquanto as vítimas estavam em imersão. Os sinais eram bem conhecidos. E bem tipificados nos casos de morte violenta. Até podia ser que a e-polícia já andasse à sua procura...

Sim, tentar fugir era asneira.

Entregar-se à polícia era a única solução. De certeza que eles compreenderiam.

Olhou através dos vidros do automóvel. Os vizinhos estavam invisíveis por detrás dos seus próprios vidros de sentido único. Mas ele sentia dezenas de olhos sobre si, sobre todo aquele sangue, sobre o cadáver da sua amante. O cadáver que ele criara com os punhos. Continuava sentado sobre as pernas dela. Sbergueu-se e sentiu-se exangue. Foi com enorme dificuldade que se contorceu de volta ao lugar do condutor, para se deixar cair sobre o banco, exausto.

Aquilo não podia ter acontecido! Principalmente não agora, num

momento em que o Gabinete ia ter de tomar medidas impopulares!...

A reunião!...

Estava fora de questão, bem entendido. Não poderia ir até Paris, de modo algum. Mas tinha de contactar o chefe, informá-lo do que acontecera, transferir para ele os seus *dossiers*. Pô-lo ao corrente de tudo para que a sua ausência não prejudicasse o Gabinete mais do que o estritamente inevitável.

Debruçou-se sobre o linque do carro, fez uma ligação de banda larga e pôs-se à procura. Dois minutos depois tinha encontrado quem queria encontrar. Ligou para o chefe.

O chefe demorou a atender. Mas passado o que a ele lhe pareceu uma eternidade, um rosto surgiu no visor do linque:

- Quem é? - parecia aborrecido.

- Olá, Mário. É o José Rocha.

- Ah! Olá José. Não devias estar a caminho de Paris? E porque tens o visor desligado?

- Estou a falar dum linque de tráfego. Estou preso num engarrafamento perto de Saragoça. Um acidente...

- Um doido?

- Parece que sim. A história diz que ele veio de Madrid. Mas não foi por isso que fiquei.

O outro endireitou-se ligeiramente - Então foi porquê? - e, logo a seguir - Que tens na voz?

Ele fez uma pausa. Não sabia como explicar o que tinha na voz. Optou pelo rodeio:

- Estou muito cansado.

O outro fez um gesto de enfado - Estamos todos cansados, José. Este tem sido um mês muito mau. Mas não posso fazer nada e tu sabes disso. Temos de resolver este assunto. Quando o resolvermos logo descansamos. E por muito tempo, provavelmente...

- Não é isso, Mário - disse ele lentamente. Não havia nenhuma maneira de dizer aquilo sem soltar mesmo as palavras todas.

- Sabe quem é a Filomena?

- A tua mulher? Claro! Porquê?

- Amante. - outra pausa. Mas tinha mesmo de ser - Matei-a.

- Tu fizeste o quê?! - o outro parecia submerso em espanto.

Ele suspirou. Desviou os olhos do ecrã do linque como se o outro pudesse vê-lo. Como se lhe pudesse encontrar a verdade nos olhos.

- Matei a Filomena. Bati-lhe com demasiada força porque ela estava a ter um ataque de histeria, ou de epilepsia ou lá o que era e eu entrei em pânico porque tinha sido eu a provocar o ataque e estava a tentar fazê-la voltar a si mas passei-me e bati-lhe com força a mais e quando dei conta ela já não se mexia e depois vi que estava morta e fiquei ali a olhar para ela sem poder fazer nada e agora vou à polícia entregar-me, mas eu não queria que isto acontecesse, a culpa foi dela e da merda do linque dela e do raio da mania que ela tinha de se enfiar na rede todos os dias a todas as horas e...

O outro parecia bater no ecrã com os nós dos dedos. Dizia qualquer coisa. Ele percebeu que tinha perdido as estribeiras e despejado uma confissão sem nexo e numa voz cada vez mais alta até a ter acabado a gritar a plenos pulmões. Esforçou-se por controlar o tremor que lhe nascia nos membros. Esforçou-se por ouvir o que o outro lhe dizia:

- ... ouvir-me? Controla-te. Acalma-te. Respira fundo e depois conta-me o que aconteceu. Tudo. Tintim por tintim. E começa pelo princípio se fazes favor.

Fez o que lhe pediam. Respirou fundo meia-dúzia de vezes. Organizou os pensamentos o melhor que pôde. Tornou-se o mais profissional possível. Imaginou-se no Gabinete, numa reunião, obrigado a expor os assuntos sucinta e objectivamente. Expôs ao chefe a sua versão dos acontecimentos das últimas horas numa forma que lhe pareceu sucinta e objectiva. Entretanto, o chefe olhava para o lado e acenava com a cabeça. Tal e qual no Gabinete. No gesto típico do executivo ocupado que ouvia o subordinado com uma parte do cérebro enquanto usava o restante em assuntos muito mais

importantes e urgentes. E como sempre, a insegurança foi-se acumulando perante aquela semi-indiferença. A voz foi-se reduzindo até que quando terminou declarando a sua intenção de se ir entregar à polícia assim que recuperasse o controlo do automóvel já estava demasiado fraca para a conseguir manter firme.

- Disparate! - resmungou o outro no ecrã. - Não te vais nada entregar à polícia!

- Mas, Mário, não posso fugir! Eles encontram-me numa questão de horas e só pioro o meu caso!...

- Nós tratamos disso. Eles não te vão encontrar.

- Mas...

- José, não te vais entregar à polícia! - o outro gritava - Já pensaste no que faria ao Gabinete um caso destes? Já mediste as consequências? Lembras-te do Verão passado? Lembras-te do que enfrentámos quando proibimos os derivados de petróleo em veículos particulares? Já te apercebeste de que agora nos preparamos para proibir a circulação de automóveis particulares movidos a *quaisquer* combustíveis fósseis na União *inteira*? Já imaginaste a reacção dos cidadãos a isso?

A figura no ecrã respirou fundo e passou as mãos em frente aos olhos. Desviou-os da objectiva e a José pareceu que tinha deixado de olhar para si e agora olhava o cadáver, a seu lado. Quando voltou, a voz veio surda.

- Não, José! O Gabinete não pode ir parar às primeiras páginas de tudo quanto é comunicação social porque um dos seus técnicos superiores resolveu partir a cara à amante e exagerou na brutalidade! Já vamos ter problemas que cheguem mesmo sem esse tipo de publicidade! Ninguém pode saber e eu vou assegurar-me de que ninguém saberá.

- Mas como?

- Não precisas de saber. Só tens de sentar a tua mulher no banco da frente e ir ter a um endereço que te vou enviar pelo linque. - O outro olhou para o ecrã como se pudesse avaliá-lo

- Achas que estás em condições de conduzir?

Ele hesitou. Sabia perfeitamente que não tinha estabilidade suficiente para uma condução normal. Mas revoltava-o entregar o carro ao piloto automático. Ia dizer que sim quando se lembrou de que não poderia cometer nenhum erro de condução com o cadáver da mulher sentado ao seu lado.

- Não, parece-me que não estou.

Com surpresa, deu-se conta de que já estava a raciocinar como um fugitivo. Era simples: não podia conduzir *porque* poderia cometer um erro que chamasse a atenção da polícia. O que significaria o fim da fuga e, portanto, o fim da sua liberdade. A convicção íntima de que os outros compreenderiam as razões do seu acto tinha desaparecido, substituída por uma certeza contrária. Não poderia ser apanhado.

- Sim. - murmurou o chefe - Nesse caso vais ter de me dar a *password* do teu piloto automático para que eu lhe introduza as rotas.

- Rotas? - admirou-se ele.

- Sim, preciso de esconder-te o rasto. - o outro soltou um suspiro, irritado - Não te preocupes com detalhes e dá-me a *password*. Não há tempo a perder.

Ele cumpriu a ordem. E fez o que não faria nunca em qualquer outra circunstância: entregou a sua viatura a um controlador remoto, humano. Pior, muito pior que simplesmente entregá-la aos cuidados do piloto automático. Muito pior que deixar alguém conduzir o carro a seu lado.

- Ótimo - disse o chefe - Já estou a traçar as rotas. Entretanto põe a mulher no banco da frente. Vou desligar agora. Volta a chamar daqui a pouco.

Ele resmungou um assentimento e debruçou-se sobre o banco. Segurou num braço da mulher e puxou. A cabeça encahou nas costas do banco. Afastou-a para o lado e voltou a puxar. Agora veio mais de meio corpo. Mas apercebeu-se de que não havia maneira de a sentar assim: ao puxar

pela parte de cima do corpo, ele ficaria invertido no banco. Não dava. Empurrou a mulher de volta para o banco de trás. Agarrou-lhe numa perna e puxou por ela. Veio um pé, mas a outra perna ficou onde estava, lá ao fundo. Segurando na primeira perna sobre a sua cabeça, debruçou-se até chegar à outra e puxou. Agora sim. Já tinha as duas pernas sobre o banco e era só puxar mais. Puxou. Agora era um braço que prendia o corpo. Estava preso no seu banco. Ia para soltá-lo quando o linque zumbiu.

Estavam a sair do engarrafamento. O seu automóvel passava nesse momento pelo acidente. Já só se via um limpa-estradas vermelho que se movia lentamente pela zona fechada ao trânsito, apagando de forma minuciosa todos os vestígios do acidente. Todos os restos de maiores dimensões tinham já sido retirados.

Viam-se também dois carros da polícia catalã, envoltos em riscas amarelas e vermelhas.

Ele encolheu-se, como se os polícias pudessem vê-lo. E se fossem outros talvez pudessem. Havia tecnologia para ver através de vidros unidireccionais. Mas aqueles eram só polícias de tráfego. Polícias locais. Nada que se comparasse com a polícia da União. Não tinham à disposição nem metade dos brinquedos. Nem tinham sequer um quinto do treino.

Além disso, estavam distraídos a observar os movimentos do veículo vermelho naquela espécie de atenção hipnotizada que têm os basbaques.

Não passavam de basbaques disfarçados com fardas azuis. Provavelmente nem reagiriam se ele abrisse a porta do carro e lançasse ali mesmo a mulher borda fora.

Largou um suspiro e voltou a atenção para o linque. O visor informava-o de quanto tempo faltava para terminar o bloqueio automático do automóvel. Marcava 25 segundos quando deu um súbito salto e passou a marcar mais de uma hora.

Ao mesmo tempo acendeu-se o sinal de chamada. Ele acendeu.

- José? - era o chefe.

- Sim.

- Já estão as rotas introduzidas - informou-o ele - O carro aceitou-as?

- Parece que sim. O linque diz-me que o carro está bloqueado por mais de uma hora.

- Ótimo. Está tudo bem, então.

Já puseste a mulher no banco da frente?

- Está quase - disse ele olhando para o lado. A cabeça da mulher sacolejava, meio apoiada no banco de trás. - É só mais meio minuto.

- Trata disso. Eu espero.

Voltou a segurar na mulher. Puxou-lhe o braço e pô-lo sobre o peito. Puxou-lhe pela blusa. Ela resvalou sobre o banco e derramou-se por cima de si. Ele deu um salto no banco quando a cara da mulher ficou a centímetros da sua. Parecia fitá-lo nos olhos. Acusadoramente. Impiedosamente.

Empurrou-a atabalhoadamente para longe. Ela ficou sentada no seu banco, de cabeça caída contra a janela, olhando-o ainda.

- Que se passa aí? - perguntou o chefe no linque e ele percebeu que tinha gritado.

- Nada - resmungou - É isto que é mórbido. - Depois olhou para o outro - Já está. Que faço agora?

- Agora descansas e aprecias a paisagem.

O outro olhou para o lado. Mexeu em qualquer coisa fora do alcance da câmara.

- Mário, que fazemos com a transferência dos *dossiers*?

- Não fazemos nada. Quando tu fores dado como desaparecido nós vamos buscá-los. Temos esse direito,

como sabes. - O outro continuava teimosamente a olhar para o lado.

- Não te preocupes com nada. Descansa. - acrescentou ainda - Vou desligar agora. Falamos mais tarde quando já estiveres instalado.

- Está bem. - respondeu - E boa sorte para a reunião.

O outro olhou para o écran - Sim - e desligou.

Ficou a olhar para a imagem fantasma que se dissipava na sua frente. Depois olhou para o cadáver da mulher ao seu lado. Ainda parecia olhá-lo. Estremeceu. Estendeu um braço e fechou-lhe os olhos gentilmente. Na continuação do gesto afagou-lhe a face ao de leve. Fechou os olhos. O sangue dela tinha a textura de lágrimas ou de suor. Algo de vivo. Retirou a mão e limpou-a na roupa dela.

Recostou-se. Olhou pela janela. Tentou esvaziar a mente de tudo.

Durante quilómetros só viu o seu reflexo no vidro ao seu lado, sobreposto à paisagem e aos outros automóveis que passavam pelo seu.

Um deles passou por si demasiado rápido. Travou para não bater num FordWagen verde. Derrapou. Guinou para a esquerda e acelerou em derrapagem. Virou-se ao contrário, bateu no rail ao de leve, arrancando faúlhas e acelerou direito a si.

Quando o choque se deu foi violento. O boneco que foi projectado do outro carro foi aterrar no colo dela e ficou ali, como que abraçado. Ele não sentiu o eixo do volante rasgar-lhe o ventre. Ouviu mais do que viu a explosão.

Percebeu o que acontecera enquanto voava de encontro ao tejadilho.

Jorge Candeias, escritor português, faz parte do fandom FCP
(fc portuguesa, com certeza.)

FANDOM SOCIAL

Unidos no Rio

por Eduardo Torres

Teve lugar dia 15 de setembro às 16hs no Ora Pois Pois da Cobal do Humaitá mais uma reunião *real* do CLFC-RJ. Presentes o Presidente Gerson, Octavio e Luciana, Seu Raul, Miguel Carqueija, Fabio Milan, Max Mallmann, Lucio e Gio, Felipe, esse vosso escriba e minha mulher Marina.

Apesar do clima geral na cidade de discussões sobre os atentados em Nova York, na nossa mesa o assunto teve uma atenção secundária. Além do pasino e choque geral memorados, apenas algumas especulações sobre o desdobrar da crise e comentários sobre o banido trailer do novo filme do Homem Aranha com sua teia entre as finadas torres. Gerson anunciou mudanças na sociedade da Ano-Luz, mas tudo dentro do fandom. Vimos o novo numero da Quark, quando o anterior ainda não chegou nas bancas do Rio. Também sou assinante, e já recebi o meu. Comentários sobre a Quark e a Sci-Fi-News-Contos

rolaram.

Octavio mostrou uma edição semi-profissional de The Prisoner of Zenda, cujo texto original - de domínio público - foi tirado da Internet. Muito bom nível. Bem melhor que a Writers e anos-luz (sem trocadilho) da Terra Incognita em termos de acabamento e qualidade gráfica. Perguntado qual o caminho das pedras, Octavio fez um ar misterioso. Parece que vem novidade por aí, pois os custos de impressão são baixos. Fabio Milan informou o avanço em seu herculeo projeto de traduzir Ring World (chegou ao capítulo 4 de um total de 20 ou 30 - há controvérsias).

Seu Raul e Fabio votaram no Argos e entregaram as cédulas ao Gerson durante a reunião. Não vimos em quem votaram. Seu Raul ficou assustado com a longa lista de candidatos. Disse que achava que não tinha lido nenhum, mas Gerson lembrou-o de que tinha lhe vendido metade da lista. Octavio quase quebra um dente

num caroco de azeitona de um pastel de bacalhau do Ora Pois Pois. Tomado por ira divina, quis lancar raios olímpicos sobre o cozinheiro, mas foi contido.

Carqueija mostrou mais um livro do projeto literário do Banco do Brasil (Banco de Talentos). Trocamos ideias sobre a Revanche da Arpúlhetta do Fabio Fernandes, aventura intempoliana do ultimo Terra Incognita. Li o livro de um folego só. Outro *tour de force* que, embora menos épico que a Vingança, mostra um Fabio

mais solto (epal). Na opinião geral, forte candidato ao Argos 2002.

Com o correr dos chopes e vinhos, rolaram, como sempre, algumas fofocas moderadas sobre personagens da FCB. Sem escandalos, infelizmente. Comentaram-se os ultimos, digamos, enteveros entre candidatos e comissão organizadora do Argos.

Fechamos a conta às 19hs, mas o Felipe, o Max, o Lucio e a Gio esticaram.

A Assembléia do CLFC

por Carlos Orsi Martinho

A eleição se procedeu conforme determinado nos estatutos, de forma tranqüila e sem ocorrência de fraude ou boca-de-urna. Carlos Orsi Martinho e Marcello Simão Branco serviram como mesários/apuradores plenipotenciários. A atual direção foi eleita por unanimidade; dois votos quase foram impugnados, por conterem frases elogiosas ao trabalho da atual/futura direção, mas optamos por considerá-los válidos.

Após o fechamento de sessão e proclamação do resultado, houve torneio

comemorativo de sinuca e debates acalorados sobre o regulamento do vindouro prêmio Argos 2002, a pronúncia adequada do título "Hyperion" e a identidade dos contos de Robert Heinlein.

Finda esta fase de elucubrações lúdico-literário-intelectuais, dirigimo-nos, em grupo já reduzido, à pizzaria. Estiveram presentes à fase formal dos procedimentos, além dos dois mesários juramentados supracitados, o presidente reeleito Gerson; Sérgio Roberto, ex-tesoureiro; Humberto Fimiani; Alfredo Keppler; Toninho;

Alexandre Caverni, jornalista da Agência Reuters (cobertura internacional, pois não...); Cezar Ricardo T. Silva; e o tesoureiro Matias. Passaram brevemente pelo local, deixando cumprimentos, Ghaba, Ataíde e Causo.

Na pizzaria, a vitória esmagadora da diretoria reeleita foi comemorada com uma garrafa de vinho nacional, de excelente safra e vindima, recomendado pelo augusto secretário-geral Humberto Fimiani. Não houve manifestações retóricas espontâneas e, infelizmente,

ninguém lembrou-se de solicitá-las.

Como entradas foram consumidos pães de calabresa e pizza de alho; a piece de resistance da noite foi a indefectível pizza de aliche, acompanhada por uma coirmã de peperone. Discutiu-se amiúde a queda na qualidade das cervejas nacionais; o porquê da suprema heresia gastronômica carioca, a saber, o uso de catchup em pizzas; o grau de maledicência derramado sobre os ausentes não superou os índices toleráveis.

Dixit missa est

Próxima Reunião

A reunião de outubro será no sábado, dia 27, na R. José Paulino 7, junto ao metrô Luz, a partir das 15:00 hs.

Às 20:00 hs teremos a Noite da Pizza no *Presto Pizzas*, R. Esmeralda, 39 - Aclimação.

Os Aniversariantes

Dia No. do Sócio

Outubro

5	27	Sérgio Roberto Lins da Costa
11	298	Guilherme C. dos Reis Lima
11	21	Eduardo Arouca de Andrade

15	252	Alexandre Pereira dos Santos
16	459	Luiz Alfredo Baggiotto
18	455	Max Mallmann Souto-Pereira
19	172	Hermison Taylor da Silva
20	102	Marien Calixte
26	24	Maria Angela C. Bussoloti
27	148	Henrique Villibor Flory
27	23	Roberto de Sousa Causo
29	84	Luiz Antonio Milani Collino
29	19	Raul L. de Avellar e Almeida

Novembro

1	430	Estevam Vaz Curvo
6	452	Matias Perazoli Jr
8	155	Pablo Villarrubia Mausó
18	225	Waldyr Benassi Jr
19	233	José Fernandes Lima Sales
20	423	Ademir Ribeiro Moura
24	1	Roberto C. do Nascimento
30	318	Ricardo Castro de Campos
30	377	Adriana Simon

